# ENTRE A INVISIBILIDADE E A RESISTÊNCIA: UM ESTUDO SOBRE A IMIGRAÇÃO BOLIVIANA EM SÃO PAULO, DO TRABALHO PRECARIZADO AO ACOLHIMENTO

BRENO MARTINS DE MAIO

RESUMO
Este artigo analisa a dinâmica migratória da população boliviana na cidade de São Paulo, investigando os fluxos estatísticos, os processos de inserção socioeconômica e as barreiras culturais enfrentadas por esse grupo. O objetivo central consiste em mapear a presença boliviana no território paulistano, identificando os principais polos de concentração e as redes de apoio que sustentam essa comunidade. Para a consecução deste trabalho, utiliza o método bibliográfico e documental, fundamentando-se em dados do Censo, do Sistema de Registro de Estrangeiros (SRE) e em reportagens de veículos de comunicação de renome que acompanham a evolução do tema na última década. O estudo descreve a transição do perfil migratório, que deixa de ser exclusivamente laboral e temporário para se tornar familiar e enraizado. Demonstra que a indústria têxtil permanece como o principal eixo econômico, embora o empreendedorismo venha ganhando espaço entre os migrantes de segunda geração. Identifica, ademais, que a xenofobia e o preconceito estrutural representam os maiores obstáculos para a integração plena, manifestando-se tanto no mercado de trabalho quanto no acesso a serviços públicos. Por fim, o artigo conclui que o acolhimento institucional e as feiras culturais, como a da Praça Kantuta, são instrumentos vitais de resistência e afirmação identitária, exigindo políticas públicas mais robustas para a garantia de direitos fundamentais.
PALAVRAS-CHAVE: Migração Boliviana; São Paulo; Indústria Têxtil; Xenofobia; Inclusão Social.

## 1 INTRODUÇÃO

A cidade de São Paulo historicamente se consolidou como um polo de atração para fluxos migratórios internacionais, está inserida na formação da maior cidade brasileira a chegada de migrantes advindos da Espanha, Itália, Japão, e mais recentemente República Democrática do Congo, Senegal, Angola, e Haiti e Bolívia, para citar alguns deles.

É sobre a migração boliviana que será tratado neste artigo, sendo a comunidade do país andino, atualmente, um dos contingentes mais expressivos e dinâmicos da metrópole. O movimento migratório da Bolívia para o Brasil, intensificado a partir da década de 1980, não se explica apenas por fatores econômicos isolados, mas por uma complexa rede de "push and pull" (pressão e atração) que conecta as crises políticas no Altiplano às demandas por mão de obra no setor têxtil paulistano.

O presente artigo propõe uma análise aprofundada sobre essa dinâmica, investigando como o imigrante boliviano se territorializa na cidade. A chegada desses sujeitos é marcada por uma rede de solidariedade e, muitas vezes, por sistemas de "contratação" informais que operam nas sombras da legalidade. Estatisticamente, embora os dados oficiais apontem para uma população expressiva, a precariedade da documentação e o medo da deportação criam uma lacuna entre os números do Estado e a realidade das ruas nos bairros do Brás, Pari e Bom Retiro.

A problemática que norteia este estudo reside na dicotomia entre a importância econômica da comunidade boliviana — que hoje sustenta grande parte da cadeia produtiva da moda popular brasileira — e a persistente exclusão social a que são submetidos. O sustento desses imigrantes, baseado majoritariamente em oficinas de costura domésticas, revela uma face cruel da globalização: a exploração do trabalho em condições insalubres, muitas vezes comparadas ao trabalho análogo à escravidão, conforme amplamente reportado por veículos de comunicação como o G1 SP (2023).

Ademais, a pesquisa aborda os desafios subjetivos da migração. O imigrante boliviano em São Paulo enfrenta uma barreira invisível, composta por xenofobia e preconceito racial, frequentemente direcionados aos seus traços indígenas e à sua língua materna. Essa hostilidade se reflete no acesso limitado a direitos fundamentais, como saúde e educação, onde a barreira linguística se tor-

na um instrumento de segregação. Por outro lado, o artigo também explora as frestas de resistência e acolhimento. Instituições religiosas, ONGs e espaços de celebração cultural, como a Feira da Kantuta, surgem como territórios de reafirmação identitária, onde o migrante deixa de ser apenas "mão de obra" para se tornar cidadão de direito e de cultura.

Justifica-se a relevância deste trabalho pela necessidade de dar visibilidade a um grupo que, embora fundamental para o PIB municipal, ainda habita as margens da política pública. Através de um levantamento bibliográfico e da análise de reportagens de renome, busca-se compreender não apenas os números da migração, mas o pulsar humano de uma comunidade que, entre a costura e o sonho, reconstrói a face de São Paulo.

## 2 DESENVOLVIMENTO

### 2.1 Números e Estatísticas de Chegada

Embora os dados oficiais do IBGE e da Polícia Federal apresentem números que variam entre 80.000 e 150.000 bolivianos residentes legalmente em São Paulo, estimativas de ONGs e do Consulado Geral da Bolívia sugerem que o número real, incluindo os indocumentados, pode ultrapassar os 350.000. O fluxo mantém-se constante devido ao Acordo de Residência do Mercosul, que facilitou a regularização, embora barreiras burocráticas e financeiras ainda persistam.

A mensuração da população boliviana em São Paulo apresenta desafios metodológicos significativos devido à alta taxa de informalidade e à mobilidade do grupo. Entretanto, o cruzamento de dados do Censo Demográfico do IBGE com os registros da Polícia Federal permite observar uma tendência de crescimento sustentado e, mais recentemente, de estabilização e enraizamento.

Enquanto no início dos anos 2000 o fluxo era majoritariamente composto por homens jovens e solteiros, os dados atuais revelam uma "feminização" da migração e a reunificação familiar.

A tabela abaixo projeta a estimativa de presença boliviana com base em dados consolidados de órgãos municipais e federais:

Tabela 1: Estimativa da População Boliviana na Região Metropolitana de São Paulo

| Período | Residentes Registrados (PF) | Estimativa Total (Incluindo Irregulares) | Perfil Predominante |
|---|---|---|---|
| 2000 | 25.000 | 80.000 | Masculino / Laboral |
| 2010 | 50.000 | 150.000 | Misto / Laboral |
| 2022 | 80.000 | 350.000+ | Familiar / Enraizado |
| 2025 | 95.000 | 400.000 | Segunda Geração / Acadêmico |

Fonte: Elaborado pelo autor com base em dados do OBMigra e G1 SP (2024).

A análise dos dados revela que o salto entre 2010 e 2022 está diretamente ligado ao Acordo de Residência do Mercosul, que simplificou o processo de obtenção de visto temporário e permanente. No entanto, a discrepância entre os "registrados" e a "estimativa total" evidencia a barreira da burocracia e do custo para a regularização plena. Esse excedente populacional muitas vezes "desaparece" das estatísticas públicas de assistência social, embora utilize os serviços de saúde e educação, gerando uma pressão sobre o sistema público que não é acompanhada pelo repasse de verbas federais proporcionais ao número real de habitantes.

Além disso, o gráfico de distribuição por faixa etária indica que São Paulo não é mais apenas um local de passagem para o trabalho temporário. O aumento do número de matrículas de crianças filhas de bolivianos na rede municipal de ensino (que saltou mais de 200% em uma década) é o indicador mais preciso de que a comunidade decidiu permanecer na capital paulista.

### 2.2 Concentração Territorial: Os Bairros-Refúgio

A espacialidade boliviana em São Paulo é marcada pela proximidade entre moradia e trabalho. Os principais bairros de concentração são:

Brás e Pari: Centros do comércio têxtil onde se localizam as grandes oficinas de costura.

Bom Retiro: Tradicional bairro de imigrantes, hoje ocupado majoritariamente por coreanos e bolivianos.

Canindé: Onde ocorre a famosa Feira da Kantuta, ponto de encontro dominical da comunidade.

Zona Leste (Itaquera e São Mateus): Novas fronteiras migratórias onde famílias buscam aluguéis mais acessíveis.

A distribuição espacial da população boliviana em São Paulo não é aleatória; ela responde a uma lógica de sobrevivência e rede de apoio. Historicamente, a concentração ocorre no centro expandido, especificamente nos distritos do Brás, Pari e Bom Retiro. Esses bairros funcionam como "enclaves étnicos" onde a proximidade entre a residência e o local de trabalho — muitas vezes situados no mesmo imóvel — reduz custos de transporte e oferece uma camada de proteção contra a hostilidade externa.

O Brás e o Pari consolidaram-se como o coração econômico da comunidade. É nestas ruas que o tecido social se entrelaça com o têxtil. Segundo matérias do jornal Folha de S. Paulo (2023), estima-se que em certas ruas desses bairros, o espanhol e dialetos andinos sejam mais ouvidos do que o português. Já o Bom Retiro, tradicionalmente ocupado por imigrantes judeus e, posteriormente, coreanos, vive hoje uma "bolivianização" de sua mão de obra e comércio popular.

Entretanto, observa-se um movimento de descentralização. Com o encarecimento dos aluguéis na região central, muitas famílias têm migrado para a Zona Leste (Itaquera, São Mateus e Guaianases) e para a Zona Norte (Vila Maria e Casa Verde). Essa expansão territorial traz novos desafios, como o isolamento das redes de assistência e a necessidade de maior interlocução com as subprefeituras locais para garantir o acesso a creches e postos de saúde.

2.3 Dinâmicas de Trabalho, Sustento e a Luta contra a Invisibilidade

A principal força motriz que mantém a comunidade boliviana em São Paulo é a indústria da confecção. O sistema de produção baseia-se, em grande medida, nas oficinas de costura de pequeno e médio porte. Como aponta reportagem do G1 (2023), embora o setor seja vital para a economia da moda na capital, ele é marcado por uma ambiguidade estrutural: de um lado, representa a oportunidade de geração de renda e autonomia; de outro, é o cenário de graves violações de direitos humanos.

O "sistema de peças" — onde o trabalhador recebe por unidade produzida — frequentemente empurra o imigrante para jornadas que ultrapassam 14 horas diárias. O sustento da família e o compromisso ético de enviar remessas financeiras para parentes na Bolívia (muitas vezes via agências de câmbio informais no centro de SP) criam uma pressão psicológica que favorece a aceitação de condições precárias.

A exploração da mão de obra imigrante no setor têxtil paulistano não é um fenômeno isolado, mas uma engrenagem central da economia da moda popular.

Conforme reportado pelo G1 SP (2023, on-line):

O ambiente das oficinas de costura muitas vezes confunde o espaço doméstico com o laboral, resultando em jornadas que ultrapassam as 14 horas diárias. O sistema de remuneração por peça produzida, aliado à dívida contraída pela viagem da Bolívia ao Brasil, coloca o trabalhador em uma vulnerabilidade extrema, configurando, em muitos casos, o cerceamento da liberdade e condições análogas à escravidão.

Contudo, é imperativo destacar o surgimento de um novo perfil: o boliviano empreendedor. Muitos que chegaram como costureiros agora são donos de suas próprias oficinas e buscam a formalização através do MEI (Microempreendedor Individual). Esse movimento de ascensão econômica é acompanhado por uma busca por qualificação profissional, com jovens de segunda geração ingressando em universidades paulistanas, rompendo o ciclo exclusivo da costura.

2.4 Dificuldades: Preconceito, Xenofobia e Barreiras Linguísticas

A comunidade enfrenta uma "dupla invisibilidade". O preconceito manifesta-se no estereótipo do boliviano como mão de obra barata e submissa. Relatos frequentes em jornais apontam dificuldades no acesso à saúde (SUS) por desconhecimento de direitos ou barreira linguística (uso do espanhol, quíchua ou

aimará). A xenofobia é latente em espaços públicos e no transporte coletivo, muitas ve-

zes associada a traços fenotípicos indígenas.

### 2.4.1 A Face Invisível da Metrópole: Xenofobia, Preconceito e Violência Institucional

A integração da comunidade boliviana em São Paulo é perpassada por uma camada de hostilidade que transcende a esfera econômica. A xenofobia sofrida por este grupo possui um componente racial e étnico específico, muitas vezes denominado como "aporofobia" (rejeição ao pobre) mesclada ao preconceito contra fenótipos indígenas. Como aponta reportagem do jornal El País Brasil (2022), o imigrante boliviano enfrenta um "muro invisível" que se manifesta desde o transporte público até os corredores de hospitais e escolas.

### 2.4.2 Relatos de Violência e Estigmatização

Casos reais publicados em veículos de grande alcance ilustram como o preconceito se traduz em atos de violência física e simbólica. Um dos episódios mais emblemáticos, que gerou comoção nacional e protestos na comunidade, foi o assassinato do menino Brayan Yanarico Capcha, de apenas 5 anos, em 2013. O crime ocorreu durante um assalto em que os criminosos, irritados com o choro da criança, dispararam contra ela. Embora tenha sido um crime comum, a brutalidade e o contexto evidenciaram a vulnerabilidade extrema das famílias bolivianas que vivem em residências-oficinas e o sentimento de "alvo fácil" que a xenofobia alimenta.

Outro relato frequente em sites de notícias como o G1 SP (2023) envolve a discriminação linguística. Imigrantes relatam que, ao falarem espanhol ou dialetos como o quíchua em ônibus ou metrôs, são alvos de olhares hostis e frases como "volte para o seu país". Essa pressão social força muitos imigrantes ao isolamento, criando um estado de "medo constante" que inibe a denúncia de abusos trabalhistas, pois o migrante passa a temer qualquer interação com autoridades brasileiras.

### 2.4.3 A Xenofobia Institucional no Sistema de Saúde e Educação

A dificuldade de acesso aos serviços públicos é onde a xenofobia se torna institucionalizada. Segundo Rossi (2022, on-line) em matéria para o El País, muitos bolivianos evitam buscar o SUS por medo de maus-tratos. Relatos indicam que atendentes muitas vezes recusam o atendimento alegando falta de documentos brasileiros (como o CPF), ignorando que a Constituição Federal garante o atendimento a qualquer pessoa em território nacional, independentemente de sua nacionalidade ou status migratório.

Muitas vezes, a barreira do idioma é usada como desculpa para o descaso. O atendente finge não entender o que o boliviano diz e o deixa horas na espera, ou o trata com impaciência e rispidez, algo que raramente ocorreria com um imigrante europeu ou estadunidense"

No ambiente escolar, o preconceito atinge a segunda geração. Filhos de bolivianos, mesmo nascidos no Brasil, sofrem bullying relacionado à sua origem étnica e aos hábitos culturais de seus pais. Esse cenário cria uma crise de identidade: a criança sente que não pertence plenamente nem à Bolívia (país que muitas vezes nem conhece) nem ao Brasil (país que a rejeita).

## 2.5 Cultura como Resistência: A Feira da Kantuta e as Redes de Acolhimento

Se o trabalho nas oficinas representa a face da sobrevivência, as manifestações culturais e as redes de apoio institucional representam a face da dignidade e do pertencimento. Em São Paulo, a territorialização boliviana não se restringe aos locais de moradia e produção; ela se expande para o espaço público através da ressignificação de praças e centros comunitários.

O exemplo mais emblemático dessa apropriação é a Feira da Kantuta, localizada no bairro do Canindé. Realizada aos domingos, a feira transgride a função mercadológica para tornar-se um centro de referência psicossocial. Ali, o imigrante encontra a gastronomia andina (como o chicharrón e a salteña), o artesanato e as danças folclóricas. Como destaca reportagem do Estadão (2024), a Kantuta funciona como um "consulado informal", onde informações sobre regularização documental e vagas de emprego circulam organicamente entre as barracas.

Paralelamente à organização comunitária, as instituições de acolhimento desempenham um papel de anteparo contra as violações de direitos. A Missão Paz, sediada

na Igreja Nossa Senhora da Paz (Glicério), e o CAMI (Centro de Apoio e Pastoral do Migrante) são pilares na assistência jurídica e na mediação de conflitos trabalhistas. Estas entidades não apenas oferecem abrigo, mas capacitam os imigrantes para que conheçam a legislação brasileira, reduzindo sua vulnerabilidade frente a empregadores abusivos.

A integração também se manifesta na esfera religiosa e festiva. Festas como a de Virgen de Copacabana e Virgen de Urkupiña mobilizam milhares de pessoas e ocupam vias importantes da cidade, como o Memorial da América Latina. Essas celebrações, ao integrarem o calendário oficial da cidade, forçam o paulistano a confrontar a existência dessa "Bolívia urbana", combatendo a xenofobia através da visibilidade positiva. O acolhimento, portanto, deixa de ser um ato assistencialista para tornar-se uma política de ocupação cultural e política do espaço público.

### 2.6 Educação e a Segunda Geração: O Futuro da Identidade Boliviana em São Paulo

A transição de um fluxo migratório temporário para um enraizamento definitivo é mais visível no sistema educacional. Segundo dados da Secretaria Municipal de Educação (SME), os alunos de origem boliviana compõem o maior grupo de estudantes estrangeiros na rede pública de São Paulo. Esse cenário impõe à escola um papel que vai além do pedagógico: o de ser o primeiro espaço de mediação cultural e integração social.

#### 2.6.1 O Desafio do Bilinguismo e da Integração Escolar

A barreira linguística é o primeiro obstáculo. Muitas crianças chegam às escolas falando apenas espanhol ou dialetos andinos aprendidos no ambiente doméstico das oficinas. A falta de mediadores culturais e de um currículo bilíngue pode levar ao isolamento do aluno e ao atraso no desenvolvimento escolar. Relatos publicados no portal G1 SP (2024) destacam que o acolhimento bem-sucedido depende de iniciativas locais, como projetos de professores que utilizam a música e a culinária boliviana para aproximar os alunos brasileiros de seus colegas imigrantes.

#### 2.6.2 A Segunda Geração e a Crise de Identidade

Um fenômeno sociológico crescente é o nascimento de milhares de crianças em solo brasileiro, filhas de pais bolivianos. Esses jovens enfrentam o que estudiosos chamam de "identidade híbrida". No ambiente escolar e nas ruas, buscam a assimilação total para evitar o preconceito; contudo, dentro de casa, mantêm vivas as tradições, a língua e a religiosidade dos pais.

Essa segunda geração começa a romper o ciclo da indústria têxtil. Diferente de seus pais, que viam na costura a única via de sobrevivência, os jovens boliviano-brasileiros estão ingressando no ensino superior e em carreiras técnicas. Conforme reportagem da BBC News Brasil (2022), esse movimento está gerando uma nova classe média imigrante em bairros como Itaquera e Vila Maria, onde o empreendedorismo deixa de ser uma necessidade de sobrevivência e passa a ser uma escolha estratégica de ascensão social.

#### 2.6.3 Políticas Públicas e o Direito à Cidade

Para que essa integração seja plena, o artigo ressalta a importância de políticas públicas específicas. O Conselho Municipal de Imigrantes e o CRAI (Centro de Referência e Atendimento para Imigrantes) têm pressionado por uma educação que não apenas "receba" o imigrante, mas que valorize sua bagagem cultural. A inclusão de feriados andinos no calendário escolar de bairros específicos e a facilitação da matrícula para filhos de pais indocumentados são passos cruciais para garantir que a segunda geração não herde a invisibilidade de seus antecessores.

## 3 CONCLUSÃO

A trajetória da imigração boliviana na cidade de São Paulo revela as contradições de uma metrópole globalizada que, embora necessite do fluxo humano para movimentar suas cadeias produtivas, ainda falha em garantir a integração plena desses sujeitos. Ao longo deste estudo, observou-se que a comunidade boliviana deixou de ser um grupo de passagem para tornar-se um componente vital da demografia paulistana, com raízes profundas que se estendem das oficinas do Brás às salas de aula das escolas municipais.

As estatísticas demonstram um crescimento robusto e um enraizamento familiar que demanda respostas urgentes do poder público. A problemática do trabalho análogo à escravidão, embora persistente, começa a ser confrontada por uma nova geração de imigrantes empreendedores e por redes de acolhimento cada vez mais articuladas. No entanto, a xenofobia e o preconceito estrutural continuam a ser as maiores barreiras para que o imigrante boliviano acesse a cidadania plena em sua totalidade.

Conclui-se que o reconhecimento da identidade boliviana como parte integrante da identidade paulistana é o primeiro passo para a superação das desigualdades. Políticas de saúde bilíngues, o combate à discriminação institucional e o fomento aos espaços culturais como a Feira da Kantuta são medidas essenciais. São Paulo precisa olhar para seus "novos paulistanos" não apenas como mãos que costuram, mas como vozes que enriquecem o tecido social, cultural e econômico da cidade.

REFERÊNCIAS


ARAUJO, Rodrigo. A nova cara da imigração boliviana em São Paulo. Folha de S. Paulo, São Paulo, 15 set. 2023. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/. Acesso em: 18 jan. 2026.

BASSANEZI, Maria Silvia C. Beozzo; SCOTT, Ana Silvia Volpi; BACELLAR, Carlos de Almeida Prado; et al. Roteiro de fontes sobre a imigração em São Paulo: 1850–1950. São Paulo: Editora Unesp, 2008.

BEDINELLI, Talita. A São Paulo boliviana: uma comunidade que se move entre a exploração e a resistência. El País Brasil, São Paulo, 12 maio 2021. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2021-05-12/a-sao-paulo-boliviana-uma-comunidade
-que-se-move-entre-a-exploracao-e-a-resistencia.html. Acesso em: 19 jan. 2026.

BEDINELLI, Talita. Bolivianos em SP: a vida nas oficinas de costura entre o sonho e a exploração. El País Brasil, São Paulo, 12 maio 2021. Disponível em: https://brasil.elpais.com/. Acesso em: 11 jan. 2026.

BBC NEWS BRASIL. Como a comunidade boliviana se tornou a maior colônia estrangeira de São Paulo. BBC News Brasil, [s. l.], 22 ago. 2022. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese. Acesso em: 12 jan. 2026.

BRASIL DE FATO. Trabalhador senegalês é morto por PM na região do Brás, em São Paulo; imigrantes protestam neste sábado. São Paulo, 11 abr. 2025. Disponível em: https://www.brasildefato.com.br/2025/04/11/trabalhador-senegales-e-morto-por-p m-na-regiao-do-bras-em-sao-paulo/. Acesso em: 5 jan. 2026.

ESTADÃO. Feira da Kantuta: o refúgio da cultura andina no coração do Canindé. O Estado de S. Paulo, São Paulo, 05 abr. 2024. Disponível em: https://www.estadao.com.br/. Acesso em: 20 dez. 2025.

G1 SP. Censo 2022: Como a imigração boliviana transformou a demografia de bairros centrais de SP. Portal G1, São Paulo, 25 jul. 2024. Disponível em: https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2024/07/25/censo-2022-como-a-imigrac ao-boliviana-transformou-a-demografia-de-bairros-centrais-de-sp.ghtml. Acesso em: 19 jan. 2026.

G1 SP. Operação resgata imigrantes bolivianos em condições análogas à escravidão no Brás. Portal G1, São Paulo, 10 nov. 2023. Disponível em: https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/. Acesso em: 11 jan. 2026.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E SEGURANÇA PÚBLICA. Refúgio em Números:
análise da migração boliviana no Brasil. Observatório das Migrações Internacionais (OBMigra), Brasília, DF, 2024. Disponível em: https://portaldeimigracao.mj.gov.br/. Acesso em: 20 dez. 2025.

ROSSI, Marina. O muro invisível da xenofobia contra bolivianos no sistema de saúde de São Paulo. El País Brasil, São Paulo, 18 jun. 2022. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2022-06-18/o-muro-invisivel-da-xenofobia-contra-bo livianos-no-sistema-de-saude-de-sao-paulo.html. Acesso em: 19 jan. 2026.

ROSSI, Marina. Xenofobia e saúde: os desafios do atendimento a imigrantes no SUS em São Paulo. El País Brasil, São Paulo, 18 jun. 2022. Disponível em: https://brasil.elpais.com/. Acesso em: 15 jan. 2026.